



LIVRO 5

**A CAVERNA
DAS MARAVILHAS**

MATTHEW J. KIRBY

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2013 by Scholastic Inc.
Todos os direitos reservados. Publicado mediante acordo com a Scholastic Inc.,
557 Broadway, Nova York, NY 10012, EUA.
INFINITY RING e os logotipos associados são marcas e/ou marcas registradas da
Scholastic Inc.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Cave of Wonders

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Michael Heath

DESIGN DE CAPA E MIOLO Keirsten Geise

PREPARAÇÃO Bárbara Prince

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kirby, Matthew J.

A caverna das maravilhas — Livro 5 / Matthew J. Kirby ;
tradução Alexandre Boide. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2014.

Título original: Cave of Wonders.

ISBN 978-85-65765-45-9

1. Literatura juvenil I. Título.

14-06832

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Caravanas e camelos

O VENTO DO DESERTO UIVAVA AO REDOR DELES, agitando a superfície da areia. Dak protegeu os olhos com a mão e puxou a camiseta sobre a boca para conseguir respirar. Sera e Riq fizeram o mesmo. Eles estavam no meio de uma trilha empoeirada e haviam acabado de chegar da Grande Muralha da China, na época da dinastia Ming. Para Dak, a desorientação estonteante de ter o corpo realocado no tempo e no espaço ainda não desaparecera totalmente... nem sua empolgação.

— Onde estamos? — ele perguntou.

Era a décima segunda viagem no tempo que eles faziam. A essa altura, Dak já devia estar acostumado, mas sempre ficava animadíssimo com essa pergunta.

Onde estamos?

O que eles veriam e fariam ali? Quem iriam conhecer? Até então, já haviam encontrado Cristóvão Colombo, vi-

kings, o rei Luís com seu delicioso queijo grudento, Harriet Tubman, os antigos maias. Pessoas e culturas que, antes, Dak só conhecia dos livros.

Sera deu uma olhada no Anel do Infinito e o guardou de volta na bolsa.

— As coordenadas estão certas. Devemos estar nos arredores da cidade de Bagdá, em 27 de janeiro de 1258.

— Legal! — Dak comentou e sacou o SQuare. — Vamos descobrir qual é a Fratura que viemos corrigir.

— Espera aí — pediu Riq, tossindo. — Vamos sair desse vento primeiro. Essa areia toda pode danificar o aparelho.

— Ah. Tudo bem. — Dak olhou ao redor e se deu conta de que acabara de concordar com uma sugestão de Riq sem nenhuma discussão ou ironia. Sera devia estar orgulhosa. Ele se virou para a amiga. — Aposto que você está feliz em saber que o SQuare está bem guardadinho dentro da minha calça, não?

Sera revirou os olhos.

— Que direção devemos seguir?

— Acho que tem alguma coisa pra lá — apontou Riq.

Os três deram uma olhada na trilha, fazendo esforço para enxergar em meio à areia levantada pelo vento. Enquanto Dak tentava decidir o melhor jeito de tirar sarro de Riq naquele momento, ouviu-se um grunhido terrível logo atrás deles.

Os três se viraram e deram de cara com o focinho protuberante, os dentes enormes e os lábios molengas de um camelo.

O homem que conduzia o animal brandiu o punho para eles, gritando em um idioma desconhecido para Dak. Ele usava uma túnica longa e um turbante.

— É árabe — sussurrou Riq.

Dak e Sera inclinaram a cabeça ao mesmo tempo, quando seus dispositivos de tradução começaram a funcionar.

O homem jogou os braços para cima.

— Vocês são surdos? Saiam já do caminho!

O camelo bufou para eles de novo, cuspe jorrando de sua boca. Seu hálito tinha um cheiro forte, e não no bom sentido da palavra, como no caso dos queijos. No *pior* sentido possível. Sera tapou o nariz enquanto Riq os empurrava para fora do caminho. O camelo passou, e atrás dele vieram outros. Muitos outros. A maioria dos animais carregava no lombo sacos e trouxas enormes.

Era uma caravana. Com camelos de verdade! Quando os viu, uma porção de fatos veio à mente de Dak. Era assim que acontecia. Como bolhas emergindo em um copo de refrigerante, ou então como um arrote. As informações simplesmente surgiam, e ele não conseguia ficar quieto, ainda que acabasse irritando a maioria das pessoas.

— Essas trouxas devem estar cheias de especiarias, tecidos, incensos e coisas do tipo. Bagdá fazia parte da Rota da Seda e...

— Dak! — Sera e Riq disseram ao mesmo tempo.

Ele se contorceu todo por dentro, tentando se controlar. Era sempre assim.

— Foi mal — ele falou, encolhendo os ombros. — Pelo menos agora sabemos para que lado fica a cidade. É para lá que a caravana deve estar indo.

Sera e Riq assentiram. Eles partiram atrás da caravana, seguindo o rastro dos camelos fedorentos em meio ao vento do deserto.



Sera e Riq não disseram muita coisa no caminho. Dak estava acostumado a não conversar muito com Riq. A relação entre eles melhorara um pouco depois de corrigirem algumas Fraturas juntos, mas isso não significava que Dak considerasse sua presença menos irritante. Portanto, ele não achou ruim que o outro estivesse calado.

Quanto a Sera...

O silêncio dela era preocupante. Dak costumava quase ler os pensamentos de Sera, e vice-versa. Ultimamente, no entanto, ela parecia um tanto distante, e ele não fazia a menor ideia do que se passava na cabeça dela. Alguma coisa havia acontecido, e ela se recusava a conversar a respeito. Dak tinha certeza disso, mas não sabia o que poderia ser, e isso o aborrecia.

A presença dos três não chamou muito a atenção dos demais viajantes. Dak imaginou que era porque ainda usavam roupas típicas da China, que também fazia parte da Rota da Seda. O pessoal dali devia estar acostumado a ver gente com roupas chinesas. Pela primeira vez, Dak, Sera e Riq não pareciam tão deslocados no tempo ou no espaço. Outro motivo

de satisfação para Dak era o fato de aquelas roupas serem relativamente grossas e quentes. Era inverno e, para sua surpresa, o deserto era um lugar bem gelado.

No fim das contas, Bagdá ficava a pouco mais de um quilômetro de distância e não demorou muito para surgir em meio à poeira. O vento diminuiu quando eles chegaram às cercanias da cidade, onde até havia algumas construções de pedra, mas a maior parte era feita de tijolos de barro. Eles atravessaram uma série de canais e passaram por casas de paredes grossas, portas baixas e janelas estreitas, uma configuração perfeita para aquele tipo de clima. Viram também praças públicas, onde as pessoas se reuniam ao redor dos poços e sob a sombra de palmeiras.

Logo à frente, erguiam-se as muralhas da cidade, altas e imponentes, fazendo-a parecer, na visão de Dak, um enorme castelo de areia.

Outras informações começaram a borbulhar em sua cabeça.

— Bagdá foi construída não muito longe de onde ficava a antiga Babilônia e se tornou um dos maiores centros culturais do mundo, com bibliotecas enormes que guardavam milhares de livros. Esta época foi a Era de Ouro do Oriente Médio, enquanto a Europa estava mergulhada na Idade das Trevas.

Riq se virou para encará-lo. Dak continuou falando antes que fosse interrompido:

— Estudiosos e filósofos do mundo inteiro migravam para cá e trabalhavam lado a lado, sem se importar com origem ou religião. O mais importante de tudo era o conhecimento.

Riq ainda o encarava. Dak esperava alguma piadinha e já estava se preparando para responder à altura. Mas o outro não disse nada do tipo. Simplesmente... continuou encarando.

— Que foi? — perguntou Dak.

Riq sacudiu a cabeça.

— Não consigo entender por que você gosta tanto assim de história.

Aquilo, sim, pegou Dak de surpresa. Como alguém poderia *não* gostar de história? Os outros é que eram esquisitos, não ele. Isso incluía Riq e até mesmo Sera. Por outro lado, Dak também não entendia por que Riq gostava tanto de estudar idiomas, ou por que Sera se interessava tanto por matemática e ciência. Sendo assim, de fato, *por que* Dak gostava tanto de história? Ele percebeu que aquela pergunta não tinha uma resposta pronta.

Em pouco tempo chegaram ao portão da cidade, onde caravanas e viajantes se aglomeravam, cercando Dak por todos os lados. Ele ouviu alguém se referir àquele lugar como portão Khurâsân. Só depois de se misturar à multidão, Dak notou a presença de guardas com elmos e espadas. Eles cobravam pedágio de todos que entravam na cidade.

— Hã, pessoal? — Dak se deteve onde estava.

— O que vamos fazer? — perguntou Sera. Ela também tinha percebido aquele detalhe. — Não temos dinheiro.

Antes que pudessem pensar em algo, porém, a multidão os empurrou para a frente. Dak olhou desesperadamente ao redor, mas não tinha como escapar. Eles estavam no meio

do fluxo de pessoas em direção à cidade, e a cada instante se aproximavam mais dos guardas do portão.

— É só agir naturalmente — sussurrou Riq. — Nós já passamos por situações muito piores.

Quanto a isso ele tinha razão. Dak respirou fundo.

Eles se misturaram à caravana com a qual haviam cruzado na trilha, e logo já estavam quase ao lado da cabine dos guardas. O líder da caravana, o homem que gritara com eles mais cedo, desceu do camelo e foi pagar o pedágio do grupo.

— Tive uma ideia — anunciou Riq, dando um passo à frente. — Venham comigo. E não se afastem!

Dak e Sera se entreolharam, e depois seguiram Riq. Ele os conduziu até onde estavam os camelos, em meio a outros integrantes da caravana. Tentar se camuflar ali no meio parecia um bom plano, mas Dak acabou bem ao lado do traseiro de um camelo, com a cauda do animal se sacudindo e atingindo seu rosto. Para completar, o cheiro era ainda pior do que o da outra extremidade do bicho.

— Tomara que a gente não precise ficar muito tempo aqui! — resmungou.

Sera e Riq tiveram que segurar o riso.

Um dos homens montados em camelos notou a presença deles ali e fez cara feia.

Riq encolheu os ombros, fazendo-se de inocente.

— Sinto muito. As coisas estão movimentadas hoje no portão Khurâsân.

O homem soltou um risinho de deboche.

Depois disso, os três baixaram a cabeça e ficaram quietos. Quando a caravana começou a se mover, eles foram junto, fazendo de tudo para passar despercebidos. Dak arriscou uma olhadela para os guardas, mas eles já estavam ocupados com os viajantes que vinham em seguida.

— Funcionou! — murmurou Dak.

— Claro que funcionou — disse Riq, e Dak se arrependeu de ter aberto a boca.

Eles passaram pelas sombras dos grandes arcos do portão e cruzaram a muralha da cidade, entrando em uma rua movimentada onde foram recebidos por uma mistura de imagens, cheiros e sons. Prédios de vários andares se erguiam de ambos os lados, com dezenas de barracas e toldos de lona a seus pés. Lojistas e vendedores ambulantes gritavam seus pregões:

— As tâmaras mais doces do mundo!

— Azeitonas! Azeitonas grandes e suculentas!

— Venham ver a seda mais fina que se pode encontrar de Samarcanda até Damasco!

— O lápis-lazúli e o jaspe mais brilhantes que você já viu!

O cheiro forte das especiarias invadiu as narinas de Dak, misturado com o da fumaça, dos camelos e de outras coisas que ele não conseguia identificar. Era realmente impressionante. Ele se sentia o próprio Aladim, como se a qualquer momento fosse encontrar uma lâmpada mágica habitada por um gênio.

— Uau! — comentou Sera. — Muito bem. Agora vamos encontrar um lugar tranquilo para consultar o Square.

— Ei, vocês!

Eles se viraram e viram um guarda caminhando naquela direção.

E estava apontando para eles.

— Vocês três! Parados aí!

— Ah, não! — disse Dak.